

MANIFESTAÇÕES DE ADOECIMENTO DE EDUCADORES EM ÁREAS RURAIS: NARRATIVAS DE DOCENTES DO SISTEMA MODULAR DE ENSINO (SOME) DO ESTADO DO AMAPÁ

Introdução

Viver e trabalhar na cidade, para algumas pessoas, pode ser concebido como representações de sucesso, de conquista, de liberdade e de autonomia, porém, poderá também ser percebida como sinônimo de stress, do tempo cronometrado, do medo, da distância afetiva e da violência. A vida e o trabalho no campo, para muitos, poderão ter conotações de descanso, sossego, paz, tranquilidade, estreitamento de laços sociais, solidariedade, saúde, qualidade de vida, dentre outros. Da mesma forma, para alguns, poderá ser vista como uma vida “sem graça”, monótona, lugar de poucas oportunidades de crescimento pessoal, econômico e cultural.

Com base nessas breves notas introdutórias, este estudo objetiva identificar e discutir manifestações de adoecimento de professores/as do SOME que atuam em comunidades rurais, no Estado do Amapá e, também, analisar, a partir de relatos de docentes que exercem suas funções em localidades rurais, como a vida e o trabalho na cidade e/ou do campo podem favorecer processos de sofrimentos/adoecimentos. A problemática é resumida e compreendida pelas seguintes indagações: o que as diferentes manifestações de adoecimento de docentes informam-nos sobre as condições do exercício de suas práticas, em áreas rurais? Quais os fatores associados? Quais as vivências de professores e professoras, do SOME, que atuam em áreas rurais distantes da capital?

A pesquisa é, essencialmente, qualitativa. Optou-se, portanto, como técnica para construção de dados, entrevistas e escuta de narrativas de docentes, conforme (VASCONCELOS, 2005; BERTAUX, 2010), sobre suas experiências, condições de trabalho, sentimentos e vivências de adoecimento (CODO, 1999; MENDES, 2008; AGUIAR; ALMEIDA, 2011; DANTAS, 2012). Foi concedido ao entrevistado total

* Universidade Federal do Amapá. E-mail: selma@unifap.br

** Universidade Federal do Ceará. E-mail: cristianpaiva@ufc.br

liberdade para relatar sobre suas vivências como trabalhadores da educação com o intuito de acolher suas percepções e experiências subjetivas de adoecimentos relacionadas à vida e ao trabalho no campo e como estas vivências contribuem para manifestações de adoecimento. Foram entrevistados 20 (vinte) professores, de ambos os sexos.

Para compreender esses relatos, buscou-se na literatura, autores que abordam e analisam os impactos da vida na cidade e suas relações com formas de adoecimento psíquico de seus habitantes. Procurou-se também verificar o que pensam, esses teóricos, sobre as características da vida em áreas rurais. Dos teóricos pesquisados parece ser visível a tendência em afirmar que as pessoas adoecem mais “da mente” na cidade do que no campo, considerando o estilo de vida característico das grandes cidades, reconhecido como estressante, dinâmico, controlado pelo relógio, racional, constantes ruídos, desprovido de relações afetivas mais próximas, entre outros aspectos (SIMMEL, 2001).

Nesse sentido, Durante (2014), relata em uma recente pesquisa, do Instituto de Pesquisa e Orientação da Mente do Instituto (IPOM)¹ realizada com aproximadamente duas mil pessoas, entre 20 a 50 anos, em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza, mostrou que sete em cada dez pessoas que moram em cidades com mais de dois milhões de habitantes, reconhecem que sentem, com frequência, sintomas que indicam algum tipo de transtorno psíquico. Desse percentual, 95% afirmam se sentir muito estressados, 87% ansiosos em excesso, 72% declaram ter insônia e outros problemas ligados ao sono, 68% depressão, 49% já tiveram ataques de pânico e 37% reconhecem que tem agorafobia².

O estudo também revelou os principais agentes associados, pelos entrevistados a esses distúrbios mentais nos habitantes das grandes cidades: dos sujeitos entrevistados 65% das pessoas atribuíram a superlotação e atrasos dos transportes públicos, 57% ao trânsito caótico, 48% ao excesso de tarefas desempenhadas durante o dia,

¹ O Instituto de Pesquisa e Orientação da Mente (IPOM) é uma instituição destinada às pesquisas e estudos sobre o desenvolvimento da mente e de distúrbios nessa área.

² Transtorno psicológico cuja característica essencial é uma ansiedade acerca de estar em locais ou situações das quais escapar poderia ser difícil (ou embaraçoso) ou nas quais o auxílio pode não estar disponível na eventualidade de ter um *ataque de pânico* ou sintomas tipo pânico (por ex.: medo de ter um ataque súbito de tontura ou um ataque súbito de diarreia) (Critério A). A ansiedade tipicamente leva à esquiva global de uma variedade de situações, que podem incluir: estar sozinho fora de casa ou estar sozinho em casa; estar em meio a uma multidão; viajar de automóvel, ônibus ou avião, ou estar em uma ponte ou elevador. Alguns indivíduos são capazes de se expor às situações temidas, mas enfrentam essas experiências com considerável temor. Frequentemente, um indivíduo é mais capaz de enfrentar uma situação temida quando acompanhado por alguém de confiança (Critério B). A esquiva de situações pode prejudicar a capacidade do indivíduo de ir ao trabalho ou realizar atividades cotidianas (por ex., fazer compras do dia-a-dia, levar os filhos ao médico). A ansiedade ou esquiva fóbica não é melhor explicada por um outro transtorno mental (Critério C) (DSM-IV, 2002).

33% a longas jornadas de trabalho e 24% a pressão de prazos, horários e compromissos.

Para compreender a vida e as próprias caracterizações de cidade buscou-se, primeiramente, a concepção de Alves (2011, p.109), quando afirma:

A metrópole pode ser caracterizada como um espaço de concentração populacional, de riquezas, de tecnologia, de inovação, de difusão da modernidade e de possibilidades, pela existência concentrada de atividades e de serviços, é também marcada pelo aumento da pobreza, da violência, das formas precárias de habitação e, atualmente, no caso brasileiro, pela ampliação do número de trabalhadores informais que ocupam os espaços públicos para a reprodução da vida.

Sposito (2011, p.133) diverge desse pensamento e considera que a cidade e as redes urbanas seriam vistas de outro ponto de vista, porque a diferença possibilita o diálogo e a contradição como motor de transformações, enquanto a desigualdade, quando acentuada, pode ampliar o conflito, a indiferença, a segregação e a fragmentação.

Nunes (2014), no texto “A interface entre o urbano e o rural na Amazônia brasileira”, citando os clássicos Marx, Weber e Durkheim, destaca a contribuição desses autores sobre as relações do homem com o urbano e o rural, porém, segundo a opinião dele quem melhor discutiu o indivíduo e sua relação com o urbano foi Georg Simmel. Nunes retém que Simmel avançou analisando principalmente, os efeitos da metrópole na estrutura mental dos habitantes.

Nunes (2014) também menciona vários outros estudiosos como: Sigmund Freud, Norbert Elias, Michel Foucault, Henry Lefebvre e até mesmo, alguns mais contemporâneos, como Pierre Bourdieu. Para Nunes, esses teóricos consideram a relação indivíduo e sociedade como geradora de conflitos individuais e de desajustes sociais, decorrentes de estímulos nervosos aos quais as pessoas ficam submetidas em função, sobretudo, da vida numa grande cidade. De acordo com a exposição de Nunes, a cidade possui as seguintes caracterizações:

A análise teórica da relação campo/cidade, encara uma relação de oposição e vê a cidade como o lugar da modernidade. Segundo o autor, a cidade seria o lugar onde a racionalização do mundo encontraria condições para se consolidar como ethos, em oposição ao mundo rural calcado em relações primárias, de cunho familiar ou de pequenos grupos. Entre uma situação onde predominaria o anonimato (a cidade) contrapor-se-ia uma outra, onde predominam as relações face-a-face” (NUNES, 2014, p. 2).

Nunes parece apoiar-se em Simmel ([1903]2001), haja vista, que é nesta perspectiva que se destacam as análises deste autor sobre a caracterização do viver na cidade.

Simmel (2001), a vida em sociedades urbanizadas é capaz de gerar certos efeitos psicológicos nos indivíduos que dividem os espaços das cidades. A maioria dessas consequências é negativa para a saúde mental dos indivíduos, e para defender-se, os habitantes metropolitanos são levados a adotar uma série de comportamentos.

Sendo assim, Simmel ressalta uma intensificação de estímulos (externos e internos) sobre a estrutura cognitiva das pessoas, exigindo delas a elaboração de uma “individualidade metropolitana”, gerando assim uma necessidade de adaptação psicológica do indivíduo à vida na metrópole, e, em razão de rápidas e continuadas variações de estímulos, de hábitos, circunstâncias e mudanças rápidas que produzem uma intensificação dos processos cognitivos e da vida emocional, dos sujeitos.

Seguindo esse olhar, Simmel (2001, p. 12) retém que: “A metrópole altera os fundamentos sensoriais da vida psíquica”. O homem metropolitano está exposto a uma quantidade maior de estímulos do que o homem do campo, para o autor a diferença da cidade grande com o campo consiste no antagonismo entre o mais rápido e o mais lento, entre o habitual e o novo, devido a mudanças constantes de imagens, sons, entre outros. Desta forma, “poderia haver uma espécie de “overdose” de estímulos nervosos, isto provocaria uma desestabilização emocional” (LIMA, 2012, p. 151).

Dentro deste contexto, o autor cita como consequência o processo de intelectualização, o distanciamento das relações afetivas, a reserva e a atitude *blasé*, como estratégias de proteção psicológica, para que os sujeitos consigam continuar vivendo na metrópole, o autor enfatiza a atitude *blasé* como decorrência do espírito moderno vivido nas grandes cidades:

O espírito moderno tornou-se crescentemente um espírito calculista. O rigor do cálculo da vida corrente, resultante da economia monetária, correspondente ao ideal das ciências naturais, nomeadamente à ideia de transportar o mundo numa questão aritmética e de fixar cada uma das suas componentes numa fórmula matemática (SIMMEL, 2001, p. 33).

Dessa forma, Simmel (2001, p. 32) considera que a metrópole promove configurações situacionais que exibem o indivíduo a um estilo mental mais racional, mais

³ Fenômeno psíquico definido por Georg Simmel (2001, p. 35) como consequência dos estímulos nervosos que em acelerada mudança, emergem com todos os seus contrastes e dos quais a intensificação da racionalidade metropolitana parece resultar; estimulação máxima do sistema emocional até ao ponto de deixar de ter qualquer reação, forçando assim o sistema nervoso dar respostas aos diversos e incongruentes estímulos ao ponto de esgotar as suas energias, tornando-se incapaz de reagir a novos estímulos.

calculista e ao mesmo tempo, submete o indivíduo às condições psicológicas, diferentemente da vida em pequenas localidades rurais, onde o estilo de vida caracteriza-se pelo “fluir sensorial e mental mais lento, mais familiar, mais tranquilo”, onde as emoções de afetividade são mais presentes nas relações intersubjetivas.

Frente aos “variados e contrastantes estímulos”, que o psiquismo humano é exposto, no contexto das grandes cidades e para adaptar-se às alterações e as contradições dos acontecimentos provocados pela vida na metrópole, o indivíduo desenvolve uma estratégia de proteção e de escape frente às variadas perturbações e intensificação sensorial e psíquica, o homem metropolitano, assim, promove uma capacidade protetora contra essa profunda perturbação psíquica para lidar com a fluidez e descontinuidade do ambiente externo, próprio das grandes metrópoles. Esta maneira racional de enfrentamento da vida na cidade com o tempo torna-o “indiferente a todos os aspectos pessoais” (SIMMEL, 2001, p. 32).

Wirth (2001) expõe seu pensamento sobre o desenvolvimento das cidades, numa linha semelhante a de Simmel. Ele defende que a cidade é produto do crescimento e não da criação instantânea, por isso é de esperar as suas influências sobre os modos de vida de seus habitantes. Wirth (2001, p. 45) diz que:

A influência que a cidade exerce sobre a vida social do homem é superior ao que a parcela urbana da população julga, pois a cidade não é apenas, cada vez mais o lugar de habitação e de trabalho do homem moderno, mas também, o centro que põe em marcha e controla a vida econômica, política e cultural, (...), configurando um universo articulado de uma enorme variedade de áreas, povos e atividades.

Wirth destaca que o crescimento das cidades e a urbanização do mundo são dos fenômenos mais impressionantes dos tempos modernos e que por isso tem seus atrativos. Nesse sentido, Wirth (2001, p. 47) considera que a cidade, principalmente:

A grande metrópole, pode considerar-se resultante da sua elevada concentração de em instalações e atividades industriais, comerciais, financeiras e administrativas, vias de transporte e linha de comunicação, equipamento cultural e recreativo, como a imprensa, estações de rádio, teatros, bibliotecas, museus, salas de espetáculos, óperas, hospitais, instituições de ensino superior, centros de investigação, editoras, organizações profissionais, instituições religiosas e de assistência social.

Wirth observa que não são apenas os recursos e equipamentos econômicos, sociais e culturais, próprios da cidade, que tornam as tornam atrativas, mas também o modo de vida tido como urbano, principalmente, por aqueles que vivem em zonas rurais.

O que atraem as pessoas às cidades? Caracterizando a cidade do ponto de vista social, o Wirth (2001, p. 52) considera que os habitantes da cidade conhecem uns aos outros em papéis altamente segmentados e que “as relações intersubjetivas se realizam mais pelos contatos impessoais, superficiais, transitórios e reservados, diferente das relações no campo, que podem ser de tipo primário, de solidariedade e afetividade”. Por outro lado, o referido autor retém que na cidade:

O indivíduo ganha um certo grau de autonomia e de liberdade relativamente ao controle pessoal e emocional exercido por grupos próximos, por outro lado perde a expressão espontânea da sua personalidade, a postura moral e a sensação de participação, inerentes à vida em sociedade. Isso constitui essencialmente o estado de anomia, ou de vazio social que Durkheim alude ao tentar explicar as várias formas de desorganização social da sociedade industrial (WIRTH, 2001, p. 53).

Dessa forma, Wirth chama à atenção para o fato dos indivíduos viverem e trabalharem em contato estreito, sem que existam laços sentimentais e emocionais entre si. Promovendo assim, o espírito de competição e exploração mútua, como considera Wirth (2001, p.55): “Para contrariar a irresponsabilidade e a desordem potencial tende-se a recorrer a mecanismos de controle”. Como ele próprio exemplifica: “os relógios e os sinais de trânsito simbolizam a ordem social no mundo urbano”

Seguindo essa linha de raciocínio, Wirth em sua abordagem, enfatiza o distanciamento social entre os indivíduos acentuando o caráter reservado dos indivíduos a diminuição das relações pessoais gerando um espaço para a instalação da solidão, além do mais para o autor: “A frequente e inevitável movimentação de um grande número de indivíduos num habitat congestionado dá origem ao conflito e à irritação”. Consequentemente, “O ritmo acelerado e a complicada tecnologia sob os quais se desenrola a vida em áreas de grande densidade fazem acentuar as tensões nervosas resultantes daquelas frustrações pessoais” (WIRTH, 2001, p. 55-6).

Assim, para Wirth (2001, p, 55 e 60): “o mundo urbano valoriza o reconhecimento visual”. Nesse contexto, segundo o olhar do autor funções como a “preservação da saúde, as formas de mitigar o sofrimento associado à insegurança pessoal e social, as providências referentes à melhoria da educação, da recreação e da cultura, deram origem a instituições”.

Na opinião do referido autor é na cidade, mais do que no campo, que os desarranjos pessoais, a desordem mental, o suicídio, a delinquência, o crime, a corrupção e a insegurança podem grassar. Todavia, ele ressalta a necessidade de realizar pesquisas para tais confirmações, embora ele retenha que seja possível analisar tal realidade com base apenas nas manifestações de tais fenômenos. (WIRTH, 2001, p.62).

Sousa (2008, p. 21-2) chama atenção para as transformações econômicas que vem se arrastando desde os anos 70, mais especificamente para a questão do individualismo como “ingrediente cultural-simbólico fundamental do modelo social capitalista”, que tem como características próprias: a globalização, a transição do modo de regulação e do regime de acumulação “fordistas” para o ‘pós-fordismo” e sua acumulação flexível; a precarização do mundo do trabalho, investida neoliberal, e a desregulamentação. Ele alega que essa “desordem despolitizada” e a problemática do medo e da insegurança, são geradoras de processos patológicos, próprios de uma “fobópole” caracterizada como:

Uma cidade em que grande parte de seus habitantes, presumivelmente, padece de estresse crônico (entre outras síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático) por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança. (SOUSA, 2008, p. 40).

Bauman (2011) parece concordar com a ideia de Sousa (2008) quando apresenta e analisa o conceito de “mixofobia”, em sua obra: “A ética impossível no mundo dos consumidores”. A respeito desse raciocínio, ele declara:

A mixofobia é uma reação previsível e difundida à variedade esmagadora, arrepiante e estressante de tipos humanos e estilos de vida que se encontram e se acotovelam pelos espaços das ruas das grandes cidades contemporâneas – não apenas nos oficialmente proclamados bairros barra-pesada ou nas “ruas perigosas”, mas também nas áreas de convivência normais (leia-se desprotegidas de “espaços de interdição”). Como estabelecem a multivocidade e a diversidade cultural de ambientes urbanos na era da globalização – condição passível de se intensificar ao longo do tempo -, é provável que as tensões surgidas da vexatória, confusa e irritante falta de familiaridade do cenário deem vazão a ímpetus segregacionistas (BAUMAN, 2011, p. 73)

Sob essa perspectiva, Bauman focaliza para os fatores que precipitam a mixofobia, dentre os quais são citados:

O sentimento de “nós” que expressa um desejo de ser semelhante é um caminho para os homens e as mulheres evitarem a necessidade de olhar mais profundamente para o interior do outro. (...) Esse sentimento promete certo conforto espiritual: a perspectiva de tornar a integração mais fácil de sustentar cortando o esforço de entendimento, negociação e comprometimento exigidos pelo viver em meio a e com a diferença” (BAUMAN, 2011, p. 74).

Duarte (2003, p.174) remete-se a Durkheim (1970) para mencionar que este autor já destacava o individualismo como categoria onipresente na caracterização

da modernidade e que essa carregava uma ambiguidade instauradora e fundamental, como se percebe nas palavras de Duarte (2003, p. 174):

Designava uma categoria de acusação a tudo que parecia corroer a antiga solidariedade social, um “egoísmo” coletivo moderno, ao mesmo tempo em que abarcava os melhores valores associados à cidadania republicana, como as preeminentes liberdade e igualdade.

Concorda-se com o pensamento de Durkheim destacado por Duarte, quando se reporta ao individualismo como característica própria da modernidade, talvez sendo nos dias atuais um dos fatores significativo para o adoecimento mental, haja vista que o individualismo conduz o ser humano à experiência de solidão existencial.

Breve contextualização do sistema modular de ensino

O Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) foi implantado no Estado do Amapá em caráter experimental, em 1982, e em 2005 foi reestruturado, permanecendo até o momento atual para atender às necessidades educacionais e garantir o ensino sistemático à zona rural (localidades de fácil e difícil acesso) do Estado. Respalçado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a saber, a Lei 9394/96, Art. 81, como forma de garantir o acesso ao conhecimento nas diversas localidades do Estado, onde não era possível estruturar o ensino regular, devido às dificuldades contextuais.

Com base em informações concedidas pelo atual coordenador do Ensino Fundamental/SOME, o ensino modular nasce como uma política de governo, em 1982, inicialmente nos municípios do Oiapoque, Pedra Branca e Laranjal do Jari, com o objetivo de formar professores para as localidades, daqueles municípios onde havia carências expressivas de docentes para os anos iniciais da educação básica (1ª a 4ª séries).

Na verdade o ensino modular começou sua experiência em 1982, experiência com professores que foram para região do Oiapoque, bem poucos municípios começaram, o estado levou essa forma de ensino, de educação, mas pra formar pessoas, porque havia uma carência muito grande de professores das séries iniciais, de 1ª a 4ª séries, nesses municípios, então o Estado efetivou o ensino modular, só que assim, sem uma proposta, tanto que os documentos se perderam porque não havia um projeto grandioso, era mais uma política naquela época mesmo. Iniciou no Oiapoque, salvo engano em Pedra Branca e Laranja do Jari, em comunidades só das sedes dos municípios (Trecho de entrevista concedida pelo coordenador do ensino fundamental do SOME/SEED-AP, em 19 de julho de 2014).

A proposta inicial do Modular, à época, tinha como objetivo, de acordo com depoimentos do nosso interlocutor, o seguinte:

O objetivo inicial do modular era para formar os professores que iriam trabalhar nessas comunidades, pra formar professores das séries iniciais, eles (a Secretaria de Educação do Estado/SEED-AP) levavam como se fosse um centro de formação que ia pra lá, formação de professores, só pra formar os professores que iam atuar da 1ª a 4ª séries porque nesses municípios o Estado teria sempre que estar mandando professores pra lá, então o ideal seria que o professor fosse formado lá e já ficasse trabalhando lá (Trecho de entrevista concedida pelo coordenador do ensino fundamental do SOME/SEED-AP, em 19 de julho de 2014).

Esse projeto de caráter experimental funcionais por dois anos e em 1985 deixou de funcionar por 10 (dez) anos, por decisões da Secretaria de Educação do Estado do Amapá/SEED-AP, retornando somente em 1995, com a modalidade, também, do Ensino Médio. Nesse período, o Modular do Amapá buscou inspirações no Modular do Estado do Pará, que já exercia essa modalidade de ensino, como expressa a fala do coordenador da unidade do ensino fundamental:

O nosso ensino modular era um projeto e foi inspirado no modelo do Pará. Porque foi feito um estudo..., e até em 1995 não houve essa inspiração no Pará, depois que ele vai se reformular, se reestruturar quando uma equipe foi para o Pará fazer um estudo para ver como eles (SEED-AP) geriam tanto os recursos humanos quanto os recursos financeiros, pra que pudessem organizar o ensino modular aqui, essa equipe foi lá e sobre esse ensino modular do Pará e veio aqui em 1995 e após essa intervenção, foi introduzido o Ensino Médio também (Trecho de entrevista concedida pelo coordenador do ensino fundamental do SOME/SEED-AP, em 19 de julho de 2014).

O atual coordenador do ensino fundamental do SOME esclarece que o Ensino Modular planejado, inicialmente, para a formação de professores (Curso de Magistério) para as séries iniciais, posteriormente, com inspirações no modelo do Pará, ele se amplia, para o ensino regular: Fundamental e Médio e se estende para atender outras necessidades, como por exemplo, a educação indígena, deixando o seu propósito inicial, que era a formação de docentes para o Curso de Magistério.

O Ensino Médio retorna em 1995, e 1996 o Ensino Fundamental começa, ele inicia em poucas comunidades. Atinge as aldeias indígenas, daí após o ano de 1997 pra 1999, o Ensino Fundamental já começa também a entrar nas áreas indígenas. No caso do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries, que é segundo segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, só que a partir do momento que ele passa atuar no Ensino Médio, nas aldeias, só que não é em formação mais de professores, não é a nível de magistério (Trecho de entrevista concedida pelo coordenador do Ensino Fundamental do SOME/SEED-AP, em 19 de julho de 2014).

Assim, o Ensino Modular foi construindo a sua história com ampliações e adequações segundo a necessidade das comunidades e localidades do Estado do Amapá. Atualmente, o Ensino Modular no Amapá, consta com, aproximadamente, 500 docentes; 360 destes estão vinculados ao Ensino Fundamental e 140 no Ensino Médio⁴.

Os docentes do SOME no Amapá são distribuídos, através de sorteios⁵, para as diversas localidades rurais, que são classificadas como localidades de difícil e fácil acesso e ainda, áreas de rodízios. O acesso às localidades, em sua grande maioria, se dá através de transportes fluviais, devido às características geográficas da região Amazônica. O SOME se desenvolve através de módulos de 50 (cinquenta) horas, de acordo com a disciplina. Os docentes permanecem em cada comunidade em torno de 3 (três) meses e após a conclusão do módulo retornam à capital e para um novo sorteio.

Os docentes que atuam no SOME experimentam muitas dificuldades nas comunidades, onde exercem suas práticas. Essas comunidades, em sua grande maioria, distantes e caracterizadas por múltiplas e variadas dificuldades, dentre as quais podemos citar algumas delas:

1) Ausências de políticas de investimento na qualidade da educação nas zonas rurais, principalmente na modalidade do Ensino Modular;

2) Na maior parte dessas localidades não existem água potável, nem condições de manutenção de alimentos frescos, os docentes levam em suas bagagens água mineral, garrações de gás, colchonetes, redes, alimentos e matérias didáticos, visto que as escolas são desprovidas de quase tudo;

3) As condições de trabalho nessas escolas são bastantes precárias, segundo relatos dos próprios docentes. As aulas acontecem, as vezes, em barracões, sem divisórias, ou as vezes dois ou mais professores compartilham o mesmo espaço;

4) A dieta dos docentes é a base de enlatados, devido à falta de energia para manutenção de alimentos frescos. Segundo apreciações e estimativas do coordenador do Ensino Fundamental/SOME, pela ausência de uma alimentação saldável e água potável, “cerca de 90% dos professores tem *H. pylori*⁶. Nós temos vários casos de

⁴ Informações fornecidas pela Coordenação do SOME/SEED-AP.

⁵ O sorteio é organizado pelos coordenadores de ensino (Fundamental e Médio) através de uma sistemática que considera a realidade e necessidade das escolas que contemplam as comunidades rurais. É, quase sempre, um momento que expressa muita tensão, visto que será, neste momento definido os deslocamentos de professores e professoras para o encontro com novas realidades.

⁶ *Helicobacter pylori* (*H. pylori*) é a bactéria responsável pela maioria das úlceras e muitos casos de inflamação do estômago (gastrite crônica). As bactérias podem enfraquecer o revestimento que protege o estômago, permitindo que os sucos digestivos irrite as paredes do estômago.

câncer de estômago, mortes por câncer de estômago, morte por vários outros tipos de câncer” (Trecho de entrevista concedida pelo coordenador do ensino fundamental do SOME/SEED-AP, em 19 de julho de 2014).

5) Os alojamentos para a permanência dos docentes durante o período de aulas são cedidos pelo governo do estado através da SEED-AP, porém de acordo com os relatos de docentes, as condições são absurdamente precárias: não existem mobília, e quando existe é desgastada; os quartos são pequenos, quentes e muitas vezes infectados. Temem a presença de animais peçonhentos, como cobras e aranhas;

6) Os docentes recebem, além de seus salários, uma gratificação no valor aproximado de R\$ 3.300,00 (Três mil e trezentos reais) como ajusta de custos, contudo, com este valor devem suprir todas as despesas relativas a traslados, alimentação, suprimento de recursos didáticos, despesas com remédios, dentre outras;

Além de todas essas dificuldades, o Ensino Modular exigem dos docentes uma grande capacidade de adaptação. A cada final de módulo, ele se transfere para uma nova comunidade, com novos colegas de trabalho. Uma das reclamações mais recorrente, relacionada aos constantes e contínuos deslocamentos, é o afastamento social. A grande maioria dos docentes do SOME residem em Macapá. Com a ida para o interior do Estado, para o exercício profissional, deixam na capital os seus familiares e amigos. Em decorrência desses constantes afastamentos, os laços sociais se fragilizam e se rompem. O uso de álcool, como forma de compensações sociais é reiterado. Podemos enxergar melhor essas assertivas através da fala de um professor, que atuam há 14 (quatorze) anos no SOME:

Porque a gente chega num interior desse, ninguém nos conhece. Quando você começa a fazer amizades, que pra fazer amizades não é assim de uma hora pra outra, é no mínimo 30 dias, 40 dias e você já está indo embora pra outro local, onde começa tudo de novo. Aí o que é que vem como suporte? Álcool, hoje eu sou um alcoólatra. A gente perde a nossa vida sociável, por exemplo, antes eu frequentava a Beira Rio, hoje eu não tenho amigos de Macapá. Os meus amigos, quem me ligou? Eu não tenho mais uma vida sociável em Macapá, eu não tenho mais amigos de Macapá, meus amigos, são amigos do módulo. Eu não tenho mais uma vida sociável... Olha onde é que eu estou? Bebendo! Estou bebendo na minha casa, num sol lindo desse, antes eu estaria numa Beira Rio, numa Fazendinha, num Curiaú, hoje eu estou sozinho na minha casa. Eu estou acabado. Eu conquistei muitas coisas, eu conquistei estruturas econômicas, mas a minha estrutura emocional, minha família, minha mulher, minha filha, foi tudo embora saiba. E quando você adoecer a coordenação ainda lhe chama de alcoólatra, “é, se a gente for parar para atender cada alcoólatra do módulo, o módulo para.”. Falaram isso outro dia pra minha colega, uma professora que tentou se matar, ela se sentiu tão ofendida que ela tomou remédio e tentou se matar, foi atendida, hoje ela está em tratamento. Mas 90% dos professores do módulo bebem muito, bebem

muito, bebem muito. E eu perdi minha família, por causa dessa merda desse álcool! (Palavras ditas com tristeza e revolta, acompanhadas de choro) Tudo isso eu atribuo ao modular. (Trecho de relatos um docente/SOME, em entrevista concedida em 03 de maio de 2014).

As declarações acima expressam com riqueza de detalhes, informações sobre as reais condições em que vivem esses profissionais da educação.

Relatos docentes que atuam em localidades rurais, no sistema modular de ensino.

As narrativas que serão expostas e discutidas referem-se aos depoimentos de docentes que atuam no SOME. Os recortes aqui apresentados dizem respeito a processos de sofrimento/adoecimento psíquico vivenciados por esses professores, retirados das entrevistas realizadas, como parte da pesquisa em andamento. Serão apresentados fragmentos de relatos, apenas de 3 (três) docentes⁷:

Relato 01: Professor Alberto: natural de uma comunidade quilombola, próximo a Macapá, 45 anos, separado, pai de quatro filhos, professor estatutário do Estado do Amapá, graduado em Letras. Ingressou no SOME em 2004, na ocasião trabalhava em uma escola particular e por motivos pessoais pediu demissão. Essa decisão gerou um impacto financeiro em seu orçamento familiar, foi quando surgiu a oportunidade de trabalhar no SOME, como forma de suprir as dificuldades financeiras, onde exerce suas funções de professor há dez (10) anos. Na entrevista, o professor Alberto autodenominou-se “dependente do álcool” e relatou sua experiência com a realidade rural, como motivo para iniciação do consumo de álcool:

A minha primeira experiência foi assim: parece assim, que eles faziam de propósito, os novatos pegavam logo os piores locais. Eu peguei Filadélfia do Bailique⁸, 24 horas de viagem de barco, quatro casas, uma igreja... Assim, era a comunidade, a última do Bailique, porque lá até a água é salgada. Aí vem logo a “porrada” né? Eu não bebia, hoje eu estou com um copo de bebida na mão lhe atendendo. Eu não bebia. Aí vem logo aquela falta da família. Eu era casado, mulher linda, minha filha... Aí vem logo, como é que tu vai suprir isso? E a gente não percebe, a gente está tão embebida, emprenhado pela ideia do dinheiro né? Que vai, mas aí vem os problemas logo, olha só, vinte e quatro horas de viagem sem

⁷ Os nomes são fictícios para assegurar as diretrizes e normas regulamentadoras em pesquisas com seres humanos, de acordo com a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/CNS/Ministério da Saúde/MS.

⁸ O Arquipélago do Bailique é um conjunto de ilhas que fazem parte do município de Macapá. A sua população é de aproximadamente 6 mil habitantes. O Arquipélago é composto por oito ilhas, apenas duas não são habitadas, a ilha do Meio e Parazinho, sendo que nesta última localiza-se a reserva biológica do Parazinho. Filadélfia é uma das comunidades mais distantes.

um único telefone, para se comunicar pra lá Macapá tinha que pegar um barco, duas horas de viagem (risos irônicos) pra chegar numa comunidade que tinha o telefone, aí chegava lá o telefone não funcionava, aí tudo isso vem! Isolamento total, e como eu disse agora a pouco, o soldado, quando ele vai à operação boina, o Bope, o Exército, eles são preparados pra isso, nós não somos. [Nós professores] de cara, a Secretaria já joga, hoje é sorteio, eu vou pra um interior por sorteio, na época, parece que ele “ah esse é novato, toma o pior lugar”. Nós temos dentro do modular, nós temos o Filadélfia do Bailique, nós temos o Sucurijú⁹, que são lugares extremamente distantes e difíceis de acesso. Eu fui trabalhar no Sucurijú, quando eu terminei meu trabalho eu passei uma semana pra tentar sair de lá. (...) aí imagina, longe da sua família, família natural né? Mulher, esposa, mãe, irmãos, longe de amigos. Porque a gente chega num interior desse, ninguém conhece, ah é aquele pessoal estranho? Quando você começa a fazer amizades, que pra fazer amizades não é assim de uma hora pra outra, é no mínimo 30 dias, 40 dias e você já está indo embora pra outro local, onde começa tudo de novo. Aí o que é que vem como suporte? Do álcool, hoje eu sou um alcóolatra. Pedi minha família, moro sozinho, como você está vendo...nessas condições... (mostra a casa em desordem) (Relatos do professor Alberto, docente/SOME, em entrevista concedida em 03 de maio de 2014.

O professor Alberto afirmou que antes de iniciar a sua experiência como professor do SOME não consumia bebidas alcóolicas, inclusive em sua primeira viagem levou uma “caixa de iogurte”, que foi motivo de risos para outros colegas. Ele atribui o consumo de álcool ao estilo vida solitário na zona rural e ao distanciamento social da vida na cidade, dos amigos e familiares.

Relato 02: Professor Antônio: natural de Santarém, Estado do Para, tem 35 anos, é casado. Afirma ter uma família “bem estruturada”. Atua no Ensino Fundamental no SOME há 10 (dez) anos. Iniciou no ensino modular quando à época era diretor de uma escola de Ensino Fundamental e Médio na comunidade de Tessalônica¹⁰ e em contato com os professores do Modular sentiu o desejo de vivenciar essa realidade movido pelo objetivo de “levar o conhecimento” às comunidades mais longínquas, de difícil acesso. Sua fala evidencia as diferentes dificuldades enfrentadas por esses docentes:

⁹ Sucuriju é um distrito do município brasileiro de Amapá, no interior do estado homônimo à cidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população no ano de 2010 era de 939 habitantes, sendo 483 homens e 456 mulheres, possuindo um total de 224 domicílios particulares. Foi criado pela lei federal nº 3.055, de 22 de dezembro de 1956. O Distrito de Sucuriju caracteriza-se por uma planície inundável Fúlvio-marinha, com sedimentos fixados predominantemente por manguezais. Dista em linha reta 120 km da sede do município e 220 km da capital do Estado, Macapá. Apresenta uma área de 16.700 ha, localiza-se no extremo norte do Estado do Amapá, na margem direita do rio Sucuriju, próximo de sua desembocadura. O acesso ao Distrito do Sucuriju tem duas alternativas: via a sede do município de Cutias do Araguari, e daí de barco regional viajando 18 horas, dependendo das condições da maré e das condições climáticas; a segunda alternativa é o deslocamento a partir da sede do município do Amapá, e daí, em barco regional viajando 20 horas, também dependendo das condições de maré e clima.

¹⁰ Comunidade afrodescendente, cerca de 45 km de Macapá, subdistrito do município de Porto Grande. Possui uma estimativa de 191 moradores.

Há exatamente 10 anos, mim encantei com essa modalidade de ensino. Eu estava em uma direção de escola na zona rural de Macapá, comunidade de Tesselônica, eu via os professores que passavam por lá, percebi também a importância dessa modalidade de ensino, já que o Estado não tem, não tinha na época e não tem até hoje não tem condições de atender o ensino regular em distantes localidades. Que a gente sabe tem muitas localidades do Oiapoque ao laranjal do Jari, incluindo até o distrito do Bailique, que são distantes, de difícil acesso (...)

O Ensino Modular, no que se refere às questões estruturais, a gente sofre, trabalhando na cidade a gente tem uma equipe técnica, tem uma infraestrutura nas escolas melhorada, mas no interior a gente passa por muitas situações difíceis por conta que a secretaria nos envia para o interior e não nos dá nenhuma espécie de acompanhamento, mas é uma experiência única trabalhar no modular porque você sai de Macapá designado pra ir pra uma localidade e muitas vezes a gente não tem ideia de como é a localidade, e eu cito, a Vila Brasil que é uma localidade vizinha da Guayana Francesa, eu tive a privilégio de abrir o primeiro módulo naquela localidade de 5ª série, a comunidade, já fazia 4 anos que vinha lutando pela implantação do ensino modular fundamental, nesta localidade.

O ensino modular ele tira o teu tempo com a tua família porque no ano a gente passa praticamente 80% a 90% na zona rural e a tua família não pode ir com você. Não pode levar filho, não pode levar esposa pra comunidade porque você está com um grupo de professores e até que vai, em algumas comunidades próximas de Macapá, você leva a tua família, num dia de recreação, de festa, de lazer, um final de semana, mas no decorrer das aulas, você não pode levar a tua família. Então eu acho que o módulo dá, mas ele tira nesse sentido, a distância com a família, você perde muito.

A gente sente muito... a falta da família porque a gente transfere o carinho e o amor dos filhos, da esposa, para colegas que estão junto conosco e nem sempre isso é receptível. Quando você falou na “Casa do Professor¹¹”, me veio na cabeça, à solidão, que muitos passam no módulo e isso faz com que muitos deles procurem uma fuga que não é muito positiva, que é a questão da bebida alcóolica, em alguns casos até drogas e isso acaba atrapalhando a vida profissional do educador.

A solidão se dá no interior porque muitas vezes você vai dar aula no módulo, você vai com um ou dois colegas em alguns módulos e quando você termina de dar aula, os alunos muitas vezes não moram muito perto, moram distantes e você se torna solitário, fica sozinho né? Então tem que ter um autocontrole muito grande, sempre buscar leituras, você sempre sair um pouquinho na comunidade pra conversar, saber um pouco da comunidade, porque se você se fechar no alojamento você vai ter problemas psicológicos, problemas psíquicos porque você passa muito tempo sozinho. Você conversa você dorme e acorda do lado do colega, mas, às vezes isso não lhe basta, você precisa de mais, ter um divertimento que na zona rural não há esse lazer, falta, muito. Eu vejo muitos colegas, que realmente precisam de um tratamento psicológico por conta dessa solidão do modular.

¹¹ Núcleo de Atenção à Saúde do Professor instituído pela Secretaria de Educação do Estado (SEED) para atender docentes em sofrimento/adoecimento biopsicossocial. Possui um equipe multidisciplinar formada por psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, assistentes sociais, pedagogos, entre outros.

O professor Antônio fala do trabalho no Modular como forma de sofrimento mental, devido a precarização das condições de trabalho, mas também, devido a distância social vivenciada pelos docentes, principalmente, em consequência do afastamento familiar e dos amigos mais próximos. Relata, também, da dificuldade de comunicação em algumas comunidades e tudo isso gera solidão e estados emocionais depressivos que podem conduzir alguns professores a formas compensatórias, como a ingestão de álcool e outras substâncias psicoativas, prática que ele assegura ser bastante comum entre os professores o Modular. Ele também acredita que muitos docentes estão precisando de cuidados psicossociais.

Relato 03: Professor Denis: natural de Macapá, 40 anos, casado, exerce a profissão de docência há 18 anos na rede de ensino estadual. É graduado em Pedagogia e pós-graduado em Pedagogia Escolar e Tecnologia em Educação; atua no Ensino Modular a 13 anos. Está lotado na comunidade Maruanun¹². Este professor possui a sua saúde abalada. Para ele a vida no campo tem efeitos terapêuticos, sente-se melhor quando está fora da vida na cidade, embora no momento atual, trabalha em comunidades mais próxima da Capital por que faz acompanhamento psiquiátrico e psicológico no Núcleo de Atenção à Saúde do Professor/Casa do Professor¹³. Seguem seus depoimentos, acerca do trabalho no SOME:

O trabalho nessas comunidades no interior do estado não é fácil: escolas mau estruturadas, com diretores que não tem a mínima formação para ser diretor, para administrar uma escola, a gente ver também o nível dos alunos, dos que vem da 4ª. para a 5ª. série, são alunos com nível baixíssimo. Não sabem escrever o nome, a gente tem que alfabetizá-los. Também a falta de participação dos pais, o pai do interior, ele vai só para festejos nas escolas, dia das mães, festas juninas, não são todos, mas a grande maior.

O problema de transporte, tem comunidade, só dar para fazer um tuno de aulas devido à distância; tem comunidade que se viaja três horas, as vezes encontra a questão da maré des-

¹² Está localizado ao sudeste do Estado do Amapá e distante à 80 km da capital, Macapá. É composto por várias comunidades que são: Conceição, Torrão, Simião, São Raimundo, São José, Auto Pirativa, São Tomé, Santa Maria, Fátima e Santa Luzia. Essas comunidades formam uma região que se desenvolveu em torno do rio Maruanum e representam um contexto cultural e ecológico muito rico com beleza exuberante, que é muito característico da Amazônia. O acesso pode realizado através de via fluvial e também por via terrestre, pela rodovia BR 156, essa rodovia interliga Macapá a Laranjal do Jarí.

¹³ Local onde desenvolvo minha pesquisa. Foi instituído em 2005, como o nome de Serviço de Apoio Psicossocial/SAPS e, recentemente, passou por um processo de mudança estrutural, adaptações físicas, ampliação da equipe multidisciplinar e dos serviços ofertados. Antes funcionava somente intervenções psicossociais, agora oferece também cuidados na área de fonoaudiologia, fisioterapia, nutricionista, dentre outros. A Casa do professor foi inaugurada em 06 de maio de 2014 e no dia 09 do mesmo mês ocorreu um tentativa de homicídio na sala de espera da Casa. Uma professora deferiu quatro tiros em outra professora. As duas eram faziam acompanhamento na Casa, as duas sofrem de transtorno depressivo e tinham conflitos de natureza pessoal.

favorável; as vezes o governo não paga os barqueiros, então, as aulas ficam interrompidas por 15 dias. Outra coisa é permanência na escola, trabalhei em escolas que o diretor compareceu só no primeiro dia de aula, outras situações que o diretor comparece só no final do módulo, ele chega na escola para receber o diário. Cada professor faz o trabalho ao seu jeito. Se o professor for compromissado, ele cumpre direitinho, se não for ele vai em ora, por isso que o sistema enfraquece, devido ao descaso, o não compromisso com a educação.

O sofrimento psíquico, é um caso sério, tem professores que não tem o costume de ficar longe da família, então estes professores sofrem, ficam mau humorados, por conta dessa distancia, passam de 2 (duas) semanas, e então começam esses sintomas, a pessoa fica reclamando, de estar distante, de não poder ficar com a família, vem as saudades, a falta dos filhos, da esposa, sem poder se comunicar... Tem comunidade que pessoa fica isolada, não tem telefone, tem professores que chegam a se desesperar e por não ter suporte para o professor; pega uma comunidade dessa distante e a diretora ausente... Acredito esse seja um fato que possa contribuir para desencadear distúrbios emocionais.

Essa distância causa um certo sofrimento, leva o professor viver numa comunidade pequena, então você não tem muita opção de ir pra li ou “pra acolá” fica muito restrito. As casas são de palafitas, então as vezes, você vai na casa de alguém, fazer uma visita jogar conversa fora; energia só à noite de 18 às 22 horas, depois disso apaga tudo. Cada um deve estar na sua casa, ou com uma lanterna na mão. Esse contexto também favorece para a questão de relacionamentos amorosos de professores do Modular, professores com alguém da comunidade, com alunas, ou entre colegas. E também por estarem, tristes, leva muito para o consumo de álcool, eles bebem muito, todas noites eles bebem. Acontece mais entre os homens, porém algumas mulheres também bebem. Acho difícil essa pessoa trabalhar no dia seguinte.

Eu gostaria de viver não com esse problema, gostaria de viver tranquilamente. Hoje eu não posso beber uma cerveja, vejo meus amigos bebendo, isso me dar uma certa inveja. Vivo sempre com uma certa frustração. Com esse meu problema, deixei de fazer muitas coisas, não tenho vida social, as pessoas me incomodam. Até pra caminhar, sei que tenho que caminhar, ultimamente uma coisa que está se intensificando é que durmo muito, tenho muita dificuldade para me levantar.

Nota-se que, para este professor, desenvolver suas atividades na zona rural, ameniza, de uma certa forma, o seu sofrimento, haja vista que ele se identifica com estilo de vida no interior e gosta da vida simples, própria das comunidades rurais. O afastamento social é “terapêutico”, considerando o “desconforto”, do qual ele menciona, em estar em ambientes com muitas pessoas, ajudando-o distanciar-se do objeto que lhe provoca sintomas ansiógenos.

É perceptível também, que o seu sofrimento devido o transtorno que é cometido, de não poder conduzir sua vida de forma “normal” como os demais colegas e das consequências provocados pelos danos colaterais da doença e das formas de

tratamento medicamentosa. Entretanto, neste caso, parece que o adoecimento psíquico não está, diretamente, relacionado com a vida no campo, nem com a dinâmica própria da cidade, como foi visto em seus relatos, o transtorno de ansiedade e a fobia social já se manifestavam desde a sua infância, sofrendo evoluções a medida que ele foi se expondo, por exigências da profissão, em situações sociais públicas.

Considerações finais

O sofrimento/adoecimento envolve uma multiplicidade de fatores. Não é simples discutir sobre essa temática, haja vista, não somente os fatores relacionados, como também a complexidade própria da subjetividade humana.

Foi possível observar através das narrativas, dos docentes, apresentadas, que para alguns, o campo pode ser um lugar de sofrimento, principalmente, quando apresenta condições de elevada precariedade de vida e de trabalho, como no caso do trabalho desses docentes: precariedade dos alojamentos, do transporte, das condições estruturais e pedagógicas das escolas, da dificuldade de comunicação, afastamento dos familiares, dos amigos, da ruptura de laços sociais, solidão, angústias e ausência de apoio do Estado para com esses trabalhadores, que são lançados nessas comunidades com a exigência que desenvolvam uma educação de qualidade.

Finaliza-se apontando para o fato de que os três relatos apresentados, talvez não sejam suficientes para tecer conclusões mais consistentes sobre a influência da vida na cidade e do campo como agente preponderante no adoecimento psíquico das pessoas, entretanto concorda-se com Simmel (2001), que a vida na cidade, pela sua dinâmica e intensidade de estímulos, pode representar um aspecto de maior vulnerabilidade para o adoecimento mental, porém, o campo, com a sua vida calma e “monótona”, em alguns casos, poderá, também, conduzir a determinadas formas de adoecimento, tudo isso vai depender da modalidade de relações que os indivíduos estabelecem com estas realidades e da sua capacidade de adaptabilidade.

Tem-se consciência de que este trabalho representa reflexões preliminares como exercício de análise e escrita, porém significativo para o processo de investigação do objeto de estudo proposto no projeto de doutorado que encontra-se em andamento.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Rosana Márcia Rolando; ALMEIDA, Sandra F. C. de Almeida. **Mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores**. Curitiba: Juruá, 2011.

ALVES, Glória da Anunciação. **A mobilidade na produção do espaço metropolitano**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço social: agentes e processos, escalas e desafios* (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2011.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

BAUMAN, Zigmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço social: agentes e processos, escalas e desafios** (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2011.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DANTAS, Marília Antunes. **Sofrimento psíquico: modalidades contemporâneas de representação e expressão**. Curitiba: Juruá, 2012.

DUARTE, Luíz Fernando Dias. **Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 173-183, 2003.

DURANTE, Myriam. **Os grandes centros urbanos estão adoecendo o brasileiro**. Entrevista à Rádio CBN no dia 07/03/2014. Disponível em: <<http://www.ipom-org.com.br/>> Acesso em: 24 mar. 2014.

LIMA, Renata Mayara Moreira de. **A crítica do mundo moderno em Georg Simmel**. *Revista Inter-leggere*, n.º. 10, Jan-jun/2012.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **A interface entre o urbano e o rural na Amazônia brasileira: notas para reflexão**. Disponível em: <http://www.jornaldomaass.org/jornal/extra/2007_07_27_09_42_50.pdf>. Acesso em: 5 Abr. 2014.

MENDES, Ana Magnólia (Org.) **Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão**. Curitiba: Juruá, 2008.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertran-Brasil, 2008.

VASCONCELOS, Sandra Maria F. **Clínica do Discurso**: a arte da escuta. Fortaleza, Premius, 2005.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In: FORTUNA, Carlos (Org). Cidade. Cultura e Globalização: ensaios de sociologia. Oeiras (Portugal): Celta editora, 2001.